

O USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA E O PAPEL DA FAMÍLIA¹

Camila Gonçalves de Araújo Campos²

Alana Augusta Concesso de Andrade³

RESUMO:

O presente estudo teve como objetivo principal compreender o que é a adolescência e quais os motivos que levam os adolescentes a experimentarem álcool e outras drogas, considerando as formas positivas e negativas que o relacionamento do adolescente com seu grupo de pares e sua família podem exercer para iniciar e manter o uso abusivo. Entende-se que a proposta pode gerar orientações e ações direcionadas à família, à escola e aos jovens sobre prevenção do consumo de substâncias. Para tanto, este estudo realizou uma revisão narrativa de literatura, utilizando publicações brasileiras e com base na última década. Observou-se, nas informações levantadas, que a adolescência é uma etapa de desenvolvimento com mudanças biológicas e psicossociais profundas e, assim sendo, também o uso de substâncias possui causas multifatoriais, como familiares, sociais e interpessoais. Entende-se, a partir da literatura estudada neste artigo, que ações de prevenção para o uso de álcool e outras drogas na adolescência devem incluir diferentes âmbitos de convívio do jovem, a começar pela família.

Palavras-chave: Adolescência. Alcoolismo. Transtornos relacionados ao uso de substâncias. Família. Pares.

THE USE OF ALCOHOL AND OTHER DRUGS IN ADOLESCENCE AND THE ROLE OF THE FAMILY

ABSTRACT:

The main objective of this study was to understand what adolescence is and what are the reasons that lead adolescents to experiment with alcohol and other drugs, considering the positive and negative ways that the adolescent's relationship with his peer group and his family can exert to initiate and maintain abusive use. It is understood that this proposition generates guidance and actions directed to the family, the school and young people on the prevention of substance consumption. To this end, this study conducted a narrative literature review, using Brazilian publications and based on the last decade. It was observed, in the information collected, that adolescence is a stage of development with profound biological and psychosocial

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Desenvolvimento Humano. Recebido em 24/05/2024 e aprovado, após reformulações, em 24/06/2024.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: milaa.araujo@gmail.com

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail:alanaandrade@uniacademia.edu.br

changes and, therefore, the use of substances also has multifactorial causes, such as family, social and interpersonal. Based on the literature studied in this article, it is understood that preventive actions for the use of alcohol and other drugs in adolescence should include different areas of adolescence, starting with the family.

Keywords: Adolescence. Alcoholism. Substance-related disorders. Family. Peers.

1 INTRODUÇÃO:

Considerando os órgãos e institutos normativos que tratam de questões relacionadas à vivência humana, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência é considerada um fenômeno contemporâneo. É definida como “uma fase do desenvolvimento humano que apresenta como delimitação tanto critérios cronológicos e físicos, como também sociais e culturais” (Ministério da Saúde, 2007). Cronologicamente, a adolescência pode ser compreendida como:

Pela segunda década da vida, estendendo-se dos 10 aos 19 anos, sendo marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial, manifestado através de transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais (World Health Organization, 1986 *apud* Assis; Avanci; Serpeloni, 2020, p. 4832).

Diante dessa definição geral e abrangente da adolescência, é válido destacar alguns autores que contribuíram para o estado atual do entendimento sobre essa fase da vida. O estudo inicial da adolescência foi demarcado pela importante publicação de Stanley Hall, “*Adolescence*”, em 1904, e representou uma mudança no pensamento científico sobre a etapa etária (Santrock, 2014). O autor, de orientação evolucionista, focou mais em aspectos biológicos do desenvolvimento e associou a turbulência hormonal com a inquietude psicológica dos jovens. Por outro lado, dentro da Antropologia, essa visão turbulenta da adolescência não se confirma quando se compara diferentes culturas, vide estudos culturais de Margareth Mead, que encontraram tranquilidade e autonomia entre jovens de sociedades não-ocidentais (Santrock, 2014).

De acordo com a influente teoria pós-psicanalítica de Erik Erikson, do ponto de vista psicossocial, adolescência é um período de transição em que os indivíduos

começam a assumir novas responsabilidades e papéis na sociedade (Hall; Lindzey; Campbell, 2000). Para Erikson, o desenvolvimento humano se dá ao longo de etapas psicossociais com suas respectivas crises normativas e que, no caso da adolescência, haveria uma crise entre formação versus confusão de identidade, sendo a identidade uma espécie de senso de indivíduo único, que tem um papel a cumprir na sociedade, projetando seu futuro. Nesse momento, o adolescente pode experimentar confusão de identidade, submetendo-se a pressões sociais, tornando-se rebelde ou tímido, sentindo-se crescido, mas ainda sem ser um adulto. Do conflito, pode surgir uma fidelidade virtuosa a valores, carreira e sexualidade, ou um fanatismo totalitário em que se acredita que somente as próprias ideias estariam corretas (Hall *et al.* 2000).

Essa busca pela identidade é influenciada pelo ambiente social, incluindo a família, amigos, escola e mídia. Além disso, a adolescência é uma fase caracterizada pela construção de relacionamentos interpessoais mais complexos, tais como, relações com os grupos de pares, relacionamentos amorosos, e vontades interativas que são diferentes da infância. Os adolescentes desenvolvem habilidades cognitivas avançadas, permitindo-lhes pensar sobre o futuro, refletir sobre questões éticas e morais e compreender melhor as nuances das interações sociais (Santrock, 2014).

Nesse sentido, é característico da adolescência também a maior capacidade de pensamento abstrato e crítico, sendo essa capacidade parte de um dos quatro estágios do desenvolvimento cognitivo propostos por Piaget, que são: estágio sensório-motor, estágio pré-operatório, estágio operatório concreto, e o estágio operatório-formal. Neste último estágio citado, é quando os adolescentes já possuem um pensamento mais abstrato e lógico, ou seja, o adolescente consegue se imaginar nas situações que ele possa vir a pensar, e imagina qual a melhor solução para tal pensamento (Santrock, 2014).

Halfon *et al.* (2018), compilou diversas pesquisas sobre a faixa-etária, provenientes de diferentes países, e detectou que a evolução biológica, cerebral, cognitiva e psicossocial do adolescente não é caracterizada apenas por estresse e confusão, essa seria uma visão negativa e estereotipada, pois, há também forças, desenvolvimento positivo e engajamento saudável em direção à vida adulta. Certamente, é necessário um compromisso da sociedade, da família e da escola para aproveitar os atributos do adolescente e promover saúde mental entre eles, gerando

competência, confiança, regulação de metas, entre outros aspectos do desenvolvimento positivo (Halfon *et al.* 2018).

A compreensão da adolescência como uma fase distinta do desenvolvimento humano é, portanto, fruto de um pacto social que reconhece a importância de preparar os jovens para a vida adulta. Esse reconhecimento envolve políticas e programas específicos voltados para a saúde, educação e bem-estar dos adolescentes, visando proporcionar-lhes um ambiente seguro e de suporte durante essa fase crucial de suas vidas (Bock, 2007).

Quando observamos o Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, principal documento sobre a temática, considera adolescente todo indivíduo com idade entre 12 e 18 anos (ECA, 2017). Isso inclui a influência dos pais, que continuam a ser uma fonte importante de orientação e apoio, e dos pares⁴, que se tornam cada vez mais influentes à medida que os adolescentes buscam maior independência e identificação com grupos sociais. Além disso, é nessa fase que muitos comportamentos de risco à saúde podem surgir, como o uso de substâncias, comportamentos sexuais precoces e exposição a situações perigosas. Por ser considerado um período crítico, na adolescência, o meio social, incluindo pares e pais, exerce um papel importante no desenvolvimento, incluindo a atenção aos comportamentos de risco à saúde (Schenker; Minayo, 2004). Desse modo:

A família é muito importante no desenvolvimento saudável, ou não, de seus membros, já que ela é compreendida como sendo o elo que os une às diversas esferas da sociedade. A linguagem familiar imprime a sintaxe, a semântica e a pragmática do como se relacionar, interagir e se comportar no seio da cultura (Schenker; Minayo, 2004, p. 657).

Em sua revisão de literatura, as autoras Orth e Moré (2008) apontam que, na adolescência, o começo do uso de substâncias psicoativas é apontado, pela literatura científica, como uma fase do desenvolvimento do indivíduo que acaba por surgir como consequência das mudanças decorrentes do ciclo vital individual de transição desenvolvimental e, durante essa transição, o jovem adota novos comportamentos, deixando para trás a infância, buscando afirmar-se socialmente ao se integrar em

⁴ De acordo com Santrock (2014, p. 456): “pares são indivíduos que têm aproximadamente a mesma idade ou nível de maturidade”.

diferentes grupos. Nessa fase, ele começa a estabelecer relações de amizade e íntimas com pessoas fora do seu núcleo familiar.

Assim, como apontado por Mendonca, Jesus e Lima (2018), o uso de álcool pelos adolescentes é uma questão complexa que abrange dimensões individuais, sociais, familiares, políticas e econômicas, sendo considerado como um dos principais fatores de risco para a saúde, podendo inclusive, atrapalhar o desenvolvimento do cérebro, como aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

Diante do exposto, observa-se a importância do tema do álcool e outras drogas na adolescência e sua vinculação com o papel da família. O objetivo principal é apresentar algumas definições de adolescência, os fatores que caracterizam essa etapa da vida dos seres humanos, bem como expor algumas das prováveis causas do uso de substâncias, pensando como os pares e a família têm influência neste fenômeno.

Para alcançar esses objetivos, realizou-se uma revisão narrativa da literatura dos últimos dez anos, a fim de garantir a atualidade de publicações, através de plataformas como o Google Acadêmico e Scielo. Alguns dos descritores utilizados na busca, de forma conjunta, foram: álcool, alcoolismo, álcool e outras drogas, transtornos de abuso de substâncias, adolescência, família e pares. O grau de uso das substâncias (ex. recreativo, problemático, nocivo etc.) não foi critério de exclusão ou inclusão deste trabalho, uma vez que o interesse foi no uso de substâncias em geral e em diferentes graus pelo jovem.

2 O QUE É A ADOLESCÊNCIA?

Na fase da adolescência acontecem muitas mudanças e descobertas que afetam os jovens em aspectos emocionais, sociais, culturais, hormonais, físicos e cognitivos. É um tempo difícil para quem está vivenciando tantas transformações conflituosas e delicadas, além de ser também fase da construção da identidade, que perpassa pela cultura onde este jovem vive e pela sociedade à sua volta (Neves; Teixeira; Ferreira, 2015). A adolescência compreende uma fase de intensas transformações e descobertas que afetam desde aspectos físicos e culturais, já foi compreendida como sendo uma fase turbulenta, conflituosa e conturbada, e hoje, há definições mais recentes de adolescência que avançam frente a esta conceituação

como uma fase de estresse, dando ênfase a aspectos positivos. A princípio, tem-se a definição de G. Stanley Hall, que traz o conceito de adolescência como:

Período turbulento, carregado de conflitos e alterações no humor. Segundo sua visão, pensamentos, sentimentos, e ações dos adolescentes oscilam entre presunção e humildade, boas intenções e tentação, alegria e tristeza. Um adolescente pode ser desagradável com um amigo em determinado momento e gentil no momento seguinte; ou ter necessidade de privacidade em um momento, mas, segundos depois, querer companhia (Santrock, 2014 p. 37).

Para Senna e Dessen (2012), o adolescente, tem suas próprias características, sejam elas biológicas, individuais ou psicológicas, e lidam com as coisas que acontecem a sua volta, de sua própria maneira. Isso é notável a partir da forma que se relaciona com seus amigos, família, na escola, na comunidade, e outros.

Para Neves *et. al* (2021, p. 11), a adolescência “caracteriza-se como um processo de transformação, com mudanças ao nível físico, psicológico, cognitivo e sociocultural, confrontando-se o adolescente com a definição da própria identidade e autonomia”. De mesmo modo, segundo Calligaris (2000), o começo da adolescência é facilmente observável, por se tratar da mudança fisiológica produzida pela puberdade. Vê-se uma transformação substancial do corpo do jovem, que adquire as funções e os atributos do corpo adulto.

Sobre essa mesma temática, segundo Santrock (2014), a puberdade afeta alguns adolescentes com uma facilidade bem maior, gerando, também determinados comportamentos em maior proporção do que outros, principalmente em questões vinculadas ao comportamento sexual, o interesse romântico, e a imagem corporal, visto que, nem todos os adolescentes, sofrem as mudanças que ocorrem na puberdade de forma igualitária, alguns adolescentes sentem mais do que outros.

Dentre as mudanças vistas na adolescência se destacam a constante busca pelo desapego familiar, com uma proximidade aos grupos de pares, além da vontade de construir seus próprios valores, estilo, costumes e a forma como se quer viver (Rocha; Ribeiro, 2017). São característicos os primeiros sinais de procura de autonomia, sentidos pela família como um afastamento do convívio familiar, e introversão e/ou recolhimento. Como aponta Calligaris:

O adolescente se olha no espelho e se acha diferente. Constata facilmente que perdeu aquela graça infantil que, em nossa cultura, parece garantir o amor incondicional dos adultos, sua proteção e solicitude imediatas (Caligaris, 2000, p.24).

Nesse momento, a busca por novas identificações, seja de pessoas ou de ideais, se dá por uma crise de identidade decorrente das mudanças físicas, psíquicas e sociais, ocorrendo a legitimação da confiança em si e nos outros, sendo a interação grupal uma opção de proteção diante das angústias e temores próprios deste período (Erikson, 1987 *apud* Rocha; Ribeiro, 2017). Os grupos sociais são de extrema importância para os adolescentes, se tratando da família, dos amigos e outras pessoas, pois o adolescente precisa se sentir identificado, parte de um lugar, ou precisa sentir que há alguém ali por ele:

Em se tratando do adolescente, principalmente a convivência com a família e com o grupo de pares tem implicações decisivas em suas escolhas, não ignorando a importância da participação dos demais grupos na constituição da sua subjetividade e personalidade (Rocha; Ribeiro, 2017, p. 44).

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento pessoal que resulta das transformações associadas ao ciclo de vida. Durante essa transição, o jovem adota novos comportamentos, abandonando a infância, e busca afirmar-se socialmente ao se integrar em diferentes grupos. Nessa fase, ele começa a estabelecer relações de amizade e íntimas com pessoas fora do seu núcleo familiar. A identidade do adolescente se transforma e se concretiza através dessas relações sociais, um processo que Ciampa (1990, *apud* Moraes, 2009, p.90) descreve como metamorfose. Essa metamorfose representa uma transformação contínua e inevitável do indivíduo, que ocorre independentemente de nossa consciência, sendo uma expressão fundamental da vida.

No período da adolescência, os grupos de pares são importantes emocionalmente para os adolescentes, independente da aprovação ou não dos pais. Para Papalia e Feldman:

O grupo de pares é uma fonte de afeto, acolhimento, compreensão e orientação moral; um lugar para experimentação; e um ambiente para conquistar autonomia e independência dos pais. É um lugar para formar

relacionamentos íntimos que servem de ensaio para a intimidade adulta (Papalia; Feldman, 2013, p.441).

Os adolescentes mais indefesos, que se deixam levar pela opinião dos amigos, podem sofrer mais influência dos pares do que aqueles que são mais determinados, ou seja, que possuem mais assertividade para defender suas próprias opiniões. Assim sendo, alguns jovens correm mais risco de acabar indo para um caminho de delinquência, de modo que sentem medo de serem excluídos pelos amigos, submetendo-se a realizar ações que nem mesmo condizem com aquilo que acreditam, com sua forma de ser ou, até mesmo sabem que não são atitudes corretas para realizar, mas fazem assim mesmo por sentirem medo de serem excluídos, isto é, imitam os pares para evitar a exclusão (Pinheiro, 2022).

3 ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA

Conforme alerta o Ministério da Saúde (2010), de acordo com a OMS (2010), droga é qualquer substância externa ao organismo que possui a capacidade de influenciar um ou mais de seus sistemas, provocando mudanças em seu funcionamento. Em outras palavras, as drogas são substâncias que modificam ou causam uma série de alterações na maneira de agir, pensar, sentir e se expressar. Os autores Melo, Pichelli e Ribeiro (2016) trazem em sua revisão de literatura, que as drogas são divididas em: lícitas e ilícitas; sendo que as ilícitas são aquelas ilegais com o uso proibido por lei e sem comercialização: cocaína, crack, maconha entre outras, e as lícitas são as legalmente aceitas, comercializadas: álcool e tabaco.

Segundo Lage (2022), tanto o cérebro quanto o comportamento do adolescente se desenvolvem, passando por mudanças até os 25 anos de idade, de modo que a maturação vai acontecendo em estágios, sendo as funções motoras e sensoriais as primeiras a amadurecer e, áreas dos lobos frontal e temporal ocorrem depois, sendo estas as encarregadas pelas funções cognitivas como tomada de decisão e atenção. A maturação tardia do córtex pré-frontal está ligada a um comportamento de risco (Tapert; Ebersson-Shumate, 2022 *apud* Lage, 2022).

Na revisão de Lage (2022), no que diz respeito ao desenvolvimento neural:

O uso de álcool na adolescência pode vir acompanhado de graves complicações para o desenvolvimento neural. Há redução do processo de mielinização e aumento na velocidade de degradação da substância cinzenta, processos que contribuem para o comprometimento da capacidade de processamento cognitivo e visuoespacial, acarretando danos aos circuitos neurais relacionados à aprendizagem, à memória e à atenção (Spear, 2018; Lees, 2020 *apud* Lage, 2022 p.16).

O relatório global da OMS, no ano de 2018, sobre uso de álcool e saúde, informou que no mundo todo, 26,5% de todos os jovens entre 15 e 19 anos beberam no último ano, o que corresponde a 155 milhões de pessoas (CISA, 2019). De acordo com Papalia e Feldman (2013) dependendo da idade que o adolescente começa a fazer uso de álcool pode gerar uma dependência grave:

A idade média para começar a beber é 13 a 14 anos, e algumas crianças começam mais cedo. Adolescentes que começam a beber cedo tendem a ter problemas de comportamento ou a ter irmãos que são dependentes do álcool. Aqueles que começam a beber antes dos 15 anos têm cinco vezes maior probabilidade de tornar-se dependentes de álcool ou de abusar do álcool do que aqueles que começam a beber depois dos 21 anos ou mais tarde (Samhsa, 2004 *apud* Papalia; Feldman, p. 401, 2013)

Na cartilha de prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar, uma pesquisa realizada pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), feita com estudantes de escolas particulares e públicas de 27 capitais brasileiras, foi possível constatar, através da pesquisa, que existe um grande índice do uso de substâncias psicoativas, sendo o álcool e o tabaco os que possuem maior porcentagem de uso entre os adolescentes (Ronzani; Silveira, 2014).

Na revisão de literatura de Silva, Oliveira e Pachú (p. 08, 2021) sobre estudos realizados com adolescentes que fazem uso de substâncias psicoativas, os meninos, o sexo masculino, é mais notável o uso. Assim:

Isso se dá devido à cultura machista que permeia o âmbito social, estimulando o menino a comprovar sua coragem, o conduzindo a adotar tal comportamento a fim de se inserir em determinado contexto. Por outro lado, a menina tende a agir diferente pelo fato de ser vista como frágil e suscitar maior proteção. Embora haja indícios de veracidade nessas colocações, salienta-se que, o consumo de drogas nessa faixa etária não é exclusividade do sexo masculino e nem tampouco, a menina está isenta desse comportamento (Silva *et al.* 2021, p. 08).

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, no seu art. 81 (Lei n 8.069 de 13 de julho de 1990, 2009) proíbe a venda de qualquer tipo de bebida alcoólica para menores de 18 anos. Então, para compreender melhor o uso de drogas psicoativas durante a adolescência, é importante saber qual é o meio social em que ele vive, as múltiplas dimensões envolvidas no consumo de drogas e, também, qual a fase que ele está vivenciando no momento (Paula; Jorge; Lima; Bezerra, 2017). Para Nadaleti *et al.* (2018):

O primeiro contato com o álcool ocorre, geralmente, na própria residência, de modo a imitar a conduta de familiares ou pelo fato de possuírem amigos que consomem a droga. Os amigos exercem grande influência sobre o comportamento do jovem, influenciando-os a utilizarem essa substância para se inserirem no grupo e criarem certa popularidade (Nadaleti *et al.* 2018, p.170).

Assim, como Neves, Teixeira e Ferreira (2015) apontam:

É comum, na adolescência, uma busca por novas experiências, curiosidade por novas sensações. É nesse contexto que se inserem grandes preocupações associadas a essa fase da vida, que são os riscos relacionados ao consumo de álcool e outras drogas. Dentre todas as drogas, estudos apontam o álcool como a mais utilizada no mundo inteiro. No Brasil, esse hábito está inserido na cultura e, como fato social, não é só aceito, mas, frequentemente, reforçado (Neves; Teixeira; Ferreira, 2015 p. 3).

Mesmo sendo crime vender álcool para menores de 18 anos, muitos jovens obtêm acesso à bebida sem maiores problemas. Quando perguntados sobre onde e como conseguiram bebidas alcoólicas, muitos jovens respondem obtê-las em uma festa ou pedindo a algum maior de idade para comprar para eles. De acordo com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 32% dos estudantes brasileiros com idades entre 14 e 18 anos fizeram uso de álcool no último ano, e 8,9% dos estudantes relataram episódios de consumo excessivo no último mês (IBGE, 2021). Na revisão literária de Silva *et. al* (2021) há autores falando sobre a importância em perceber que a adolescência e o uso de substâncias é tópico delicado, pois:

Atinge aspectos de ordem psíquica, emocional, cognitiva e social do adolescente, fase biopsicossocial, que por vezes, pode ser vivida de maneira complexa e conflituosa. Nesse sentido, salienta-se que a adolescência representa um período onde se evidencia um cenário de vulnerabilidade diante das situações ambientais e socioeconômicas (Silva *et al.* 2021 p. 2).

O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC, 2019) listou alguns efeitos psicológicos e físicos associados ao uso de drogas por jovens: a fumaça da cannabis (conhecida por maconha) contém 50% mais alcatrão do que os cigarros com elevado teor de alcatrão, o que expõe os usuários a riscos maiores de desenvolver câncer de pulmão, entre outras doenças respiratórias; tratando-se da cocaína, sua inalação danifica severamente a mucosa nasal: fumada, a cocaína pode causar problemas respiratórios, enquanto a injeção pode levar a abscessos e a doenças infecciosas. Outros riscos incluem forte dependência psicológica, subnutrição, perda de peso, desorientação, apatia e um estado parecido com psicose paranoica (PREVINA, 2019).

Os efeitos do crack incluem dificuldade de ingestão de alimentos, o que pode levar à desnutrição, desidratação e gastrite, além de outros sintomas como rachadura nos lábios pela falta de ingestão de água e falta de salivação, cortes e queimaduras nos dedos das mãos e no nariz, provocados pelo ato de quebrar e acender a pedra, além da exposição ao risco social e de doenças como hepatites, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis (PREVINA, 2019).

O ecstasy pode danificar gravemente órgãos como o fígado e os rins. Também pode provocar convulsões e ataque cardíaco. Doses elevadas dessa droga podem causar inquietação, ansiedade e alucinações severas. Seu uso prolongado pode danificar o sistema nervoso central, especialmente, destruindo neurônios e neurotransmissores como a serotonina, levando à depressão grave e à perda de memória. Já o uso prolongado de heroína pode causar grave perda de peso, subnutrição, constipação, irregularidade da menstruação e apatia crônica. Por fim, doses excessivas de metanfetamina podem levar a convulsões e à morte por insuficiência respiratória, infarto ou insuficiência cardíaca. Seu uso prolongado pode provocar desnutrição, perda de peso e o desenvolvimento de dependência psicológica (PREVINA, 2019).

A chegada ao primeiro contato dessas substâncias tão nocivas, de forma assim tão prematura, podem estar vinculadas a algumas razões, trazidas, por exemplo, na revisão de literatura dos autores Melo, Pichelli e Ribeiro (2016), como por exemplo:

Curiosidade do novo, por buscar esquecer frustrações e insatisfações, para fugir da timidez e insegurança na hora da conquista e pela busca do prazer [...] outro fator de incentivo ao consumo precoce ocorre através dos pais pois, culturalmente, o álcool e o cigarro fazem parte da grande maioria dos eventos proporcionados pelos familiares (Melo; Pichelli; Ribeiro, 2016, p. 22).

Para Silva *et al* (2021) a família pode ser considerada um fator de proteção ou um fator de risco ao incentivar o uso das substâncias psicoativas; a família ocupa o lugar de um dos grupos que mais implicam para o desenvolvimento de uma possível adicção.

4 FAMÍLIA E O USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA

Para Antonni e Koller (2000, p. 349) o conceito de família pode ser entendido como: “totalidade, sistema ou grupo formado por pessoas que se relacionam entre si, por parentesco e/ou por se considerarem pertencentes àquele contexto”.

A família é tida como base para educação moral e valores para os filhos, desde que este filho veio ao mundo, sendo a família que dá o exemplo sobre como se comportar diante do meio social (incluindo as amizades) como também estão presentes no quesito da escolha profissional e realização pessoal (Ribeiro; Rocha, 2017). Na revisão de literatura de Zappe e Dapper (2017), os autores citam a família como um aspecto muito importante, essencial para que o adolescente tenha um desenvolvimento de qualidade, saudável e, também, para que seja capaz de intervir e cuidar-se quando necessário, caso surja alguma demanda por dificuldade. Nesse sentido, o uso de drogas tem sido considerado um problema complexo e multifatorial, relacionado a diversos outros fatores que podem ser vistos como comportamentos de risco nesse contexto, relacionados a aspectos individuais, familiares, do grupo de pares entre outros (Zappe; Dapper, 2017).

De acordo com Neves *et al.* (2021 p. 4762), durante a adolescência, “é na família que se desenvolvem as bases estruturais psíquicas do ser humano construindo uma identidade individual e social, tornando-se mais aptos a lidar com as dificuldades”. Os autores complementam que, nesta fase, a comunicação dentro da família é prejudicada, pois os jovens tendem a se distanciar dos pais, o que favorece desentendimentos no convívio familiar (Neves *et al.*, 2021).

Para Neves *et. al* (2021), em sua revisão de literatura, um fator de proteção contra o uso de substâncias psicoativas, é morar com os pais e ter uma supervisão familiar, porém, se no ambiente familiar há algum tipo de desequilíbrio, principalmente, violência, pode comprometer a saúde do adolescente que vive ali. Relações familiares, onde há muita violência, despertam o uso de álcool e outras drogas no adolescente, em forma de fuga, de um ambiente social prejudicial. Nesse sentido, para Zappe e Dapper (2017), há algumas práticas educativas consideradas como fatores de risco para a drogadição e há outras tidas como fatores de proteção, são elas:

Foram consideradas como fatores de risco práticas educativas como intromissão e controle através da culpa e autoridade, pois estas práticas estão associadas com a falta de um relacionamento afetivo entre pais e filhos, o baixo interesse dos pais em saber sobre as atividades que os adolescentes realizam durante o dia e a falta de espaço para o adolescente se expressar, pois tendem a ser comandados pelos pais, que exigem sua obediência passiva. E como fator de proteção a sensibilidade para os sentimentos dos filhos, a presença de envolvimento positivo, de controle positivo da disciplina e de divisão da tomada de decisões. Além disso, a presença de afeto, apoio e compreensão no relacionamento entre pais e filhos permite que os adolescentes se sintam aceitos, seguros e valorizados, aspectos que contribuem para o desenvolvimento positivo e também protegem do envolvimento com a drogadição (Broecker; Jou, 2007 *apud* Zappe; Dapper, 2017, p. 149).

Portanto, nesses casos, para obter um ajustamento saudável, o adolescente necessita de uma relação bem estabelecida com os familiares, visto que uma boa relação entre os pais e seus filhos contribui para que o sujeito se desenvolva, e consiga regular os seus níveis de autonomia, quando os familiares demonstram estar ali, como fonte de apoio. É de extrema importância a existência desse suporte afetivo e social, pois ele diminui os comportamentos de risco do adolescente. Conforme análise de Pinheiro (2022), a relação positiva e de apoio com os pais protege o jovem de se submeter à pressão dos pares, ao passo que na ausência dessa relação, o

adolescente pode procurar outras soluções para preencher o vazio deixado pelos pais, incluindo a tentativa de agradar os pares para se sentir pertencido, e para tentar lidar com a ausência do seio familiar.

Na revisão de literatura de Peuker et. al (2017), é trazido o conceito de subsistema coparental, isto é, que media características da conjugalidade, parentalidade e do desenvolvimento dos filhos. A coparentalidade é exercida quando os pais compartilham os cuidados, dividindo as responsabilidades. O subsistema coparental pode ser entendido como uma cooperação entre os cuidadores referentes aos cuidados com o filho, apoio e respeito mútuos e a expressão à prole de que há um clima de lealdade entre eles.

Neves *et al.* (2021) ressaltam em seu texto que o adolescente tem necessidade de perceber que seus pais estão interessados em suas atividades e nas suas vidas, quanto mais os pais demonstram essa preocupação, melhor se torna o vínculo e, a falta deste vínculo pode levar o adolescente a se afastar do ambiente familiar, prejudicando até mesmo sua saúde. Os autores destacam que os laços familiares e o bom relacionamento com e entre os pais foram fatores de proteção quanto ao uso de álcool e outras drogas. Logo, de acordo com os autores, vê-se que não estar presente na vida dos filhos, não ter uma relação de confiança e um bom vínculo com o adolescente, pode gerar um comprometimento do sistema nervoso central e de funções cognitivas e emocionais, aumentando também, a vulnerabilidade no desenvolvimento.

Quando o adolescente começa a usar substâncias psicoativas, o funcionamento familiar exerce um papel importante, pois pode influenciar no estilo de consumo ou então ser fonte de apoio para lidar com os problemas que venham a surgir. Por isso, quanto melhor for a relação família-filhos, melhor será o acolhimento para com este adolescente que faz uso excessivo de alguma substância (Cortes; Garcia; Rivera, 2015 *apud* Benincasa *et al.* 2018).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados, foi possível perceber, no que diz respeito ao uso de álcool e outras drogas na adolescência, que existem diversos fatores para motivar o uso, dentre eles: a família, os grupos de pares, a escola etc. No

entanto, levando em consideração os aspectos apresentados, a família é o primeiro ambiente onde este adolescente tem as primeiras interações sociais, por isso é imprescindível que os cuidadores se façam presentes na vida dos filhos, demonstrando interesse, procurando conversar sobre questões do dia a dia e outras mais sérias, principalmente no que diz respeito a uso de substâncias psicoativas.

Em outras palavras, a participação dos pais e o ambiente familiar é extremamente necessária para que o adolescente se sinta acolhido. Quando não existe um bom vínculo entre pais e filhos, os adolescentes podem se agregar, de forma pouco saudável, a seu grupo de pares, com o qual, muitas vezes, se inicia o uso de substância psicoativa. Os grupos de pares estão presentes em diferentes locais de interação do jovem, como escola, vizinhança e em atividades esportivas e religiosas. Quando o adolescente começa a interagir com outras pessoas além da família, é nesse momento em que começam as identificações, fazendo com que as vontades se desabrochem, seja a vontade própria ou a vontade que vem por influência dos amigos.

Foi possível compreender melhor o fenômeno da adolescência e a necessidade da filiação familiar para viabilizar uma inscrição social afirmativa; e minimizar os riscos de comportamentos voltados para o alcoolismo e/ou a drogadição que acarreta diversas dificuldades para os pais e geram problemas que demandam intervenções de cunho punitivo - policial e/ou jurídico. Espera-se que diante do exposto as informações contidas neste trabalho sejam capazes de alertar aos pais/cuidadores e às escolas, para que exista um cuidado, um espaço acolhedor para que o adolescente possa se expressar.

6 REFERÊNCIAS

ANTONI, Clarissa de; KOLLER, Sílvia Helena. A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia (Natal)**, [s. l.], 8 nov. 2000. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2000000200004> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/wJy6Z3jHvGGmmLhn6zKQVwj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 maio 2024.

ASSIS, Simone Gonçalves de; AVANCI, Joviana Quintes; SERPELONI, Fernanda. O tema da adolescência na saúde coletiva - Revisitando 25 anos de publicações. **Ciência e Saúde Coletiva**, [s. l.], 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202512.18322020> Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/ZtYhGrpPqXPzYVvk3fmFz7Rs/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BENINCASA, Miria; TAVARES, Ana Luisa; BARBOSA, Vivian Miucha Moura; LAJARA, Mayara de Paula; REZENDE, Manuel Morgado; HELENO, Maria Geralda Viana; CUSTÓDIO, Eda Marconi. A influência das relações e o uso de álcool por adolescentes. SMAD. **Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, [s. l.], 2018. <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000357> Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000100002 . Acesso em: 1 maio 2024.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores**. Psicologia escolar e educacional, [s. l.], Jun 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000100007> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/LJkZzRzQ5YgbmhcnkKzVq3x/#>. Acesso em: 4 abr. 2024.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**, 2000. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5972679/mod_resource/content/1/349536000-A-Adolescencia-Contardo-Calligaris.pdf. Acesso em: 11 abr. 2024.

CENTRO DE INFORMAÇÃO SOBRE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS (CISA). **Juventude e álcool: cenário atual**, 2019. Disponível em: [https://cisa.org.br/pesquisa/dados-oficiais/artigo/item/32-juventude-e-alcool-cenario-atual#:~:text=No%20mundo%2C%2026%2C5%25,Am%C3%A9ricas%20\(38%2C2%25\)](https://cisa.org.br/pesquisa/dados-oficiais/artigo/item/32-juventude-e-alcool-cenario-atual#:~:text=No%20mundo%2C%2026%2C5%25,Am%C3%A9ricas%20(38%2C2%25).). Acesso em: 9 maio 2024.

ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Senado Federal, [s. l.], 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

HALFON, Neal et al. **Handbook of life course health development** (e-book). Editora Springer. 2018. Disponível em: <https://library.oapen.org/bitstream/handle/20.500.12657/27798/1002207.pdf#page=125>

HALL, Calvin. S., Lindzey, Gardner, and Campbell, John, B. **Teorias da personalidade**. Porto Alegre: Artmed. 2000.

IBGE: **Pesquisa nacional de saúde do escolar**: 2019. 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2024.

LAGE, Giulio Bonanno. **Contribuições epistemológicas para programas de prevenção do uso problemático de álcool na adolescência**. Repositório Institucional da UFMG, [S. l.], p. 1-106, 18 nov. 2022. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/55533/3/giulio-disserta%c3%a7%c3%a3o-ata-ficha-catalografica_paginacao_repositorio.pdf. Acesso em: 2 abr. 2024.

MELO, Caroline Correia; PICHELLI, Ana Alayde Werba Saldanha; RIBEIRO, Karla Carolina Silveira. **Um estudo comparativo entre o consumo de álcool e tabaco por adolescentes: fatores de vulnerabilidade e suas consequências.**

InterScientia, [S. l.], p. 21-30, 28 maio 2016. Disponível em:

<https://periodicos.unipe.br/index.php/interscientia/article/view/505/384>. Acesso em: 2 abr. 2024.

MENDONÇA, Ana Karina Rocha Hora; JESUS, Carla Viviane Freitas de; LIMA, Sonia Oliveira. Fatores Associados ao Consumo Alcoólico de Risco entre Universitários da Área da Saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2018.

<https://doi.org/10.1590/1981-52712018v42n1RB20170096> Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbem/a/m53KVgW4d67MWDQfLyFyNwr/#ModalTutors>. Acesso em: 1 maio 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). **Marco Legal: saúde, um direito de adolescentes.** 1º. ed., 2007. Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf. Acesso em: 1 mai. 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). **Adolescentes e Jovens para a Educação entre Pares. Saúde e Prevenção nas Escolas: álcool e outras drogas.** 1º. ed., 2010.

Disponível em:

https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/alcool_outras_drogas.pdf. Acesso em: 1 mai. 2024.

MORAES, Luciene Aparecida de Souza Silva. Identidade do adolescente na contemporaneidade: contribuições da escola. **TransFormações em Psicologia** (Online), [S. l.], p. 86-98, 1 jan. 2009. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-106X2009000100006. Acesso em: 1 mai. 2024.

NADALETI, Nayara Pires; MURO, Eliene Sousa; CARVALHO, Camila Csizmar de; ASSIS, Bianca Bacelar de; SILVA, Denis Moreira da; CHAVES, Erika de Cássia Lopes. Avaliação do consumo de álcool entre adolescentes e os problemas associados. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, [s. l.], 22 ago. 2018.

<https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2018.000340> Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000300007. Acesso em: 2 abr. 2024.

NEVES, Keila do Carmo; TEIXEIRA, Maria Luiza de Oliveira; FERREIRA, Márcia de Assunção. **Fatores e motivação para o consumo de bebidas alcoólicas na adolescência.** Escola Anna Nery, [s. l.], 2015.

<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150038> Disponível em:

<https://qa1.scielo.br/j/ean/a/TmcScghdNNNzpKyySDmpxRc/?lang=pt>. Acesso em: 1 maio 2024.

NEVES, João Victor Viana da Silva *et al.* Uso de álcool, conflitos familiares e supervisão parental entre estudantes do ensino médio. **Ciência e Saúde Coletiva**, [s. l.], 2021.

<https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.22392020> Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/wM8xTcLBpY7wbnvhF8zHrTd/#>. Acesso em: 1 maio 2024.

ORTH, Anaídes Pimentel da Silva; MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. **FUNCIONAMENTO DE FAMÍLIAS COM MEMBROS DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS**. Biblioteca Virtual em Saúde, [S. l.], p. 1-11, 19 ago. 2008. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-527299>. Acesso em: 30 mar. 2024.

PAPALIA, Diane E. FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. [S. l.]: AMGH Editora Ltda., 2013. Disponível em: <https://www.obbiotec.com.br/wp-content/uploads/2022/04/OBJ-livro-Desenvolvimento-Humano.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2024.

PAULA, M. L. DE. et al. Experiências de adolescentes em uso de crack e seus familiares com a atenção psicossocial e institucionalização. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 8, p. 2735–2744, ago. 2017. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017228.22892015>

PEUKER, Ana Carolina Wolf; CAOVIALLA, Joice Demetrio; COSTA, Cristofer Batista da; MOSMANN, Clarisse Pereira; **Uso de álcool e outras drogas por adolescentes: associações com problemas emocionais e comportamentais e o funcionamento familiar**. Periódicos de Psicologia, [s. l.], p. 1-20, 2020. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A06> Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v32n2/07.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2024.

PINHEIRO, Carolina Pereira. **Influência dos pares nos comportamentos alimentares e na imagem corporal na adolescência**. 2022. 160 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Lusíada, [S. l.], 2022. Disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/6634/1/mpc_carolina_pinheiro_dissertacao.pdf. Acesso em: 6 abr. 2024.

PREVINA. UNODC: Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. **Normas Internacionais Sobre a Prevenção do uso de Drogas**, [s. l.], p. 1-46, 2019. Disponível em: https://www.previna.info/_files/ugd/c5a6a6_df7cdcdf0a0488aaa0db143020f2aec.pdf. Acesso em: 3 abr. 2024.

ROCHA, Fátima Niemeyer da; RIBEIRO, Carlos Alberto. Escolhas na adolescência: implicações contemporâneas dos grupos sociais e da família. **Revista Mosaico**, [S. l.], p. 1-9, 12 jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.21727/rm.v8i2.1111>. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1111/pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.

RONZANI, Telmo Mota; SILVEIRA, Pollyana Santos da. Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar. [S. l.]: UFJF, 2014. 162 p. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/editora//files/2018/02/Cartilha.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2024.

SANTROCK, John W. **Adolescência**. 14. ed. [S. l.]: AMGH editora Ltda., 2014. Disponível em:

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.827-845, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483

https://books.google.com.br/books?id=pbo6AgAAQBAJ&pg=PA77&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 14 abr. 2024.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão de literatura**. Cadernos de Saúde Pública, [s. l.], junho 2004. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000300002>. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000300002>

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/9xB9njS9Pn8PcVJjr7hYGXC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 mar. 2024.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, [s. l.], 2012. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/fpKByLWpTT8BY4Yv9kRH6pB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2024.

SILVA, Maria Isabel Félix da; OLIVEIRA, Leonara Vitória Brito; PACHÚ, Clésia Oliveira. O uso de drogas entre adolescentes: Uma revisão integrativa.

ResearchGate, [S. l.], p. 1-10, 4 maio de 2021. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/367927085_O_uso_de_drogas_entre_adolescentes_Uma_revisao_integrativa . Acesso em: 2 abr. 2024.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DAPPER, Fabiana. Drogadição na Adolescência: Família como Fator de Risco ou Proteção. **Revista de Psicologia da IMED**, [s. l.], p. 1-19, Jun/2017 2017. <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1616> Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-50272017000100010. Acesso em: 3 abr. 2024.